



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANA MÁRCIA GONÇALVES DOS SANTOS

**A ORALIDADE PERFORMÁTICA DO SLAM: POESIA SUBALTERNA NA SALA  
DE AULA**

CAMPINA GRANDE  
2020

ANA MÁRCIA GONÇALVES DOS SANTOS

**A ORALIDADE PERFORMÁTICA DO SLAM: POESIA SUBALTERNA NA SALA  
DE AULA**

Trabalho de Conclusão (Monografia)  
apresentada ao curso de Graduação em Letras,  
da Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras – Língua Portuguesa.

**ORIENTADORA:** Silvana Kelly Gomes de Oliveira

**CAMPINA GRANDE  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237o Santos, Ana Marcia Goncalves dos.  
A oralidade performática do Slam [manuscrito] : poesia subalterna na sala de aula / Ana Marcia Goncalves dos Santos. - 2020.  
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Silvana Kelly Gomes de Oliveira , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Poetry Slam . 2. Performance. 3. Oralidade. 4. Educação de Jovens e Adultos - EJA. I. Título

21. ed. CDD 372.62

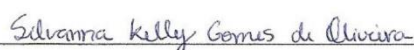
ANA MÁRCIA GONÇALVES DOS SANTOS

**A ORALIDADE PERFORMÁTICA DO SLAM: POESIA SUBALTERNA NA  
SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada ao curso de Graduação em  
Letras, da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduada em Letras  
– Língua Portuguesa, sob a orientação da  
Professora Silvana Kelly Gomes de  
Oliveira

Aprovada em: 23/12/2020

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Silvana Kelly Gomes de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Marcelle Ventura Carvalho  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Mylena de Lima Queiroz  
Universidade Federal de Campina Grande (PPGLI/UEPB)

Dedico este trabalho a minha mãe, a meu pai, a meus irmãos e a minhas filhas. Pessoas que são a minha base, a minha força e minha inspiração.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe, Zilda Gonçalves dos Santos, por me ensinar todos os dias da sua existência, que nunca devemos parar de sonhar,

Ao meu pai, Bartolomeu Gonçalves dos Santos, por toda a dedicação em apresentar sempre o lado bonito e feliz da vida,

Aos meus irmãos: Ana Cristina, Ana Karine e Hugo Emanuel por estarem sempre segurando a minha mão, me dando suporte durante todos esses anos, de curso e da vida,

Ao meu grupinho de amigas, Grasy, Sarah, Fabi e Wégila por todo companheirismo e paciência nessa caminhada,

À minha “Melhor Turma de Letras”, por me proporcionar noites inesquecíveis de aprendizado e amizade,

À UEPB, por oferecer um ensino gratuito, de qualidade e com profissionais excelentes e comprometidos com o futuro do nosso estado,

À minha orientadora Professora Silvana Oliveira, por tamanhos: cuidado, atenção e presteza em todo caminho que percorremos,

A Deus, por permitir que tudo acontecesse, perfeito, do jeito que foi.

“É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta.”

Roberta Estrela D’Alva

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a utilização do *Poetry-Slam* em sala de aula, com o objetivo de oferecer uma alternativa diferente de abordagem dos gêneros literários em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em sua construção busca debater os conceitos de oralidade, performance e literatura não-canônica. Realiza, ainda, uma contextualização acerca do Movimento Slam, suas origens e principais características. Por fim, utilizando o modelo de Genebra de Schneuwly, Dolz e Noverraz, como metodologia, apresenta uma proposta de Sequência Didática possível de ser aplicada em turmas de EJA do V ciclo. Conclui, amparado na revisão de literatura e na proposta da Sequência Didática que o *Poetry Slam* pode ser utilizado em sala de aula como forma de aproximar os estudantes da Poesia enquanto gênero, além de contribuir para a criação de ambientes mais inovadores, inclusivos e socialmente relevantes dentro das salas de aula.

**Palavras-Chave:** Poetry-Slam. Oralidade. Ensino. Performance.



## **ABSTRACT**

This work presents a discussion about the use of the Poetry-Slam in the classroom, with the goal of offering a different alternative to approach the literary genres in Youth and Adult Education classes. In its construction, it seeks to debate the orality, performance and non-canonical literature concepts. It still accomplishes a contextualization around the Slam Movement, its origins and its main characteristics. Lastly, by using the Genebra model of Schneuwly, Dolz and Noverraz, as methodology, it presents a didactic sequence proposal that can be applied in fifth cycle YAE classes. It concludes, based on the literature review and on the didactic sequence proposal that Poetry Slam can be used in the classroom as a way of approaching the Poetry as a genre students, besides contributing to the creation of most innovative, inclusive and socially relevant in classrooms environments.

**Keywords:** Poetry-Slam. Orality. Teaching. Performance.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

EJA Educação de Jovens e Adultos

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 LITERATURA E ORALIDADE.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Oralidade e performance na literatura.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Literaturas não-canônicas.....</b>	<b>15</b>
<b>3 SLAM E POESIA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Considerações sobre o Movimento <i>Slam</i> .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 Poesia subalterna em sala de aula .....</b>	<b>20</b>
<b>4 UMA LEITURA DO SLAM NA SALA DE AULA.....</b>	<b>23</b>
<b>4.1 Metodologias.....</b>	<b>23</b>
<b>4.2 Proposta de aplicação em sala de aula .....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao nos referirmos à literatura brasileira, é comum vir a nossa mente nomes como Machado de Assis, Jorge Amado, Erico Veríssimo, entre outros. Isso tem um motivo: são nomes pertencentes ao Cânone Literário Brasileiro. O Cânone Literário é uma lista de nomes de obras que foram consideradas pela crítica como as melhores obras literárias de todos os tempos. Mas não são necessariamente essas as obras mais lidas no Brasil atualmente. Percebemos que as pessoas buscam leituras em que possam se identificar, em que se reconheçam quanto à ambientação e ao espaço social. Temáticas atuais, com uma linguagem mais próxima do leitor, parecem trazê-las para junto da literatura e, em consequência, da poesia.

Em se tratando da “qualidade” literária de uma obra, sabemos que é um campo muito subjetivo, pois o que é boa literatura para uns pode não ser boa literatura para outros. Deste modo, pensamos que não excluindo da sala de aula o uso de nomes e obras listados como cânone, mas unindo-os a obras que permeiam os ambientes comuns da comunidade escolar, talvez possamos oferecer mais criticidade e autonomia a nossos educandos.

Os professores devem levar em consideração os estímulos gerados pelos eletrônicos e seus atrativos audiovisuais, que cada vez mais afasta o jovem da arte, trazendo para o ambiente escolar o artista, nesse caso, o poeta que se vale do que tem mais à mão: o próprio corpo, para conferir novos significados ao seu trabalho. O corpo do poeta, nesse contexto, se transforma no próprio poema; dos seus movimentos exala a essência da sua poesia. Quando essa poesia oralizada ganha a força da performance, ela cresce e invade o mundo, fazendo com que seja absorvida e transformada em força para resistência e luta por direitos iguais e reconhecimento cultural.

Observando que em uma realidade de escola pública o hábito da leitura costuma ser escasso, e que, na maioria das vezes, o jovem avança de série sem uma evolução dessa prática, percebemos que esse déficit se deve, na maioria dos casos, à falta de incentivo, de tempo, ou mesmo da falta de interesse pelo gênero oferecido. Com a poesia fica um pouco mais difícil. A constante pergunta sobre “para que serve a poesia na escola?”, bem como a falta de uma resposta satisfatória afastam cada vez mais esse gênero das salas de aula, e consequentemente da rotina de vários jovens. Dessa forma, buscando uma maneira de incentivar os estudantes da EJA – Educação para Jovens e Adultos –, do IV ciclo especificamente, a ler e produzir poesias em sala de aula. Partimos à procura de um tipo de

poesia com a qual os jovens pudessem se identificar e, assim, despertar a disposição para ler e estudar a poesia enquanto gênero.

Diante disso, esta pesquisa apresentará o *slam* – movimento de natureza artística e sociológica – como opção, por ter uma linguagem mais próxima da realidade de muitos jovens fora do ambiente escolar, e que poderá ajudar o professor a incentivar seus alunos e alunas no gosto pela literatura, em específico, a poesia. Acreditamos que perceber o lugar da literatura em sua realidade pode aproximar os jovens e adultos da poesia, e conseqüentemente, da literatura como um todo. Assim, partimos dessa compreensão para estruturar nosso trabalho.

O formato do manifesto, de batalhas com poesias autorais presente no *slam*, nos “prende” a atenção, estimulando os participantes a criarem poesias, com suas próprias ideias, bem como a defendê-las frente aos jurados com o apoio de toda a sua comunidade. Este método pode ser uma boa alternativa para o ensino de literatura em sala de aula. Pesquisar tal tema pode nos trazer chaves relevantes para a discussão da inserção dos jovens alunos no mundo da literatura, explorando seu senso crítico, entre outros motivos, por se tratar de um gênero poético muito próximo das demandas sociopolíticas dos educandos. Acreditamos que apresentar o *slam* para os docentes trará uma nova motivação para a inserção da poesia em aulas de português em todas as séries do ensino médio.

Para tanto, nos embasaremos nas teorias sobre oralidade e performance, discutidas por autores como Zumthor (2018), Justino (2014) e Pinheiro (2006). Sobre as formas de utilização da poesia em sala de aula, teremos como aporte Pinheiro (2018). Já sobre o lugar da poesia na contemporaneidade e literaturas não-canônicas, Leyla Perrone-Moysés (1998) e Marcia Abreu (2006) traçarão discussões, além de algumas considerações baseadas nas elucubrações de Siscar (2010). Em se tratando do Slam, buscamos a teoria nos textos de Estrela D’alva (2019), precursora do gênero no Brasil.

Como suporte metodológico, nos orientamos nos aportes de Ruiz (2011) para a escrita deste trabalho, seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Referimo-nos também às considerações de Cosson e Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), para a confecção de uma sugestão de sequência didática possível de ser utilizada em sala de aula. Por fim, gostaríamos de salientar que este trabalho foi adaptado de sua ideia original — aplicar a sequência didática em sala de aula e verificar seus impactos — devido às condições impostas pela pandemia de Covid-19.

## 2 LITERATURA E ORALIDADE

### 2.1 Oralidade e performance na literatura

*Ao sair dos pulmões, o ar penetra na traqueia e chega à laringe, se modificando ao chegar às pregas vocais ou cordas vocais que quando estão próximas, vibram à passagem do ar produzindo sons que são chamados de sonoros.<sup>1</sup>*

A fala é uma condição natural do ser humano, excetuando-se as especialidades patológicas. Por intermédio da fala, conseguimos nos comunicar e assim interagir com o ambiente ao nosso redor, mesmo antes de usarmos palavras articuladas, desde que o mundo é mundo. As histórias de famílias, canções, causos e contos iam (e ainda vão) passando de pais para filhos, e de filhos para pais, formando e transformando, de acordo com cada cultura, a identidade de determinado grupo social. Dessa forma, a cultura da oralidade trouxe características únicas para as comunidades de várias épocas por intermédio, inclusive, da poesia falada até os dias atuais.

Na declamação da poesia, dois dos cinco sentidos inerentes ao ser humano precisam ser tocados de forma mais forte por quem declama: audição e visão. Assim, a poesia pode ser sentida por completo. Na Idade Média, os poetas escreviam suas cantigas, mas a escrita não era privilégio da classe mais pobre. Estas poesias eram levadas para o mundo todo por intermédio da voz de inúmeros declamadores, cantadores, também chamados bardos. Ainda nos dias de hoje, é assim, de novos modos. A oralidade, função inerente dos homens, é essencial também nas batalhas de *slam*. Para Socorro Pinheiro (2006, p.136), “A interioridade da voz aproxima o homem do ser poético, apresentando um sentido unificador, um desejo de se colocar junto ao outro”. A subjetividade que a voz emprega na poesia a faz ficar mais sentida e mais verdadeira, pois nesse momento da declamação, todo o corpo do poeta fala, prende a atenção do receptor e o traz para dentro da poesia.

---

<sup>1</sup> Descrição do funcionamento do aparelho fonador, por Antonio Carlos Olivieri. In: *Pedagogia & Comunicação*. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/vogais-e-o-aparelho-fonador-como-sao-feitos-os-sons-da-fala.htm>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Com o *slam* não seria diferente: no momento da batalha, o *slammer* expõe para o mundo tudo que ele sempre teve vontade de que fosse ouvido e que sempre fora negado. Sobre isso, Justino (2014) afirma:

Oralizar é a moeda comum de resistência aos lugares especiais e de privilégio tão recorrentes nas tradições literárias nacionais, com seus cânones de autores “machos, adultos e brancos”. Por isso meu conceito de oralizar é ambivalente, porque pressupõe necessariamente um ambiente de escrita, a partir de onde, e só a partir de onde é possível resistir pela literatura para além do literário (JUSTINO, 2014, p. 156).

Quando essa poesia oralizada ganha a força da performance, ela cresce e invade o mundo, fazendo com que essa poesia seja absorvida e transformada em força para resistência e luta por direitos iguais e reconhecimento cultural. Ao declamar uma poesia na batalha, os *slammers* utilizam o corpo para expressar com mais veracidade toda uma carga de cultura e de resistência. O uso do corpo na produção de arte é um artifício utilizado por vários artistas ao decorrer dos séculos até os dias de hoje. Na música, na dança, no teatro e na poesia entre outros. Na poesia, a junção da oralidade com o corpo aguça, além da audição e da visão, todos os sentidos inerentes ao ser humano e resulta em uma maior sensibilidade, enriquecendo a obra dos poetas e prendendo a atenção do ouvinte.

Vivendo em uma época em que a arte tem que cada vez mais dividir espaço com as mídias digitais e com os estímulos eletrônicos cada vez mais avançados, valendo-se de atrativos audiovisuais, o artista, diga-se, o poeta, tem que se valer do que tem mais próximo de si: o próprio corpo. O corpo do poeta, nesse momento, se transforma no próprio poema, dos seus movimentos exala a essência da sua poesia. Zumthor (2018) ao falar sobre performance afirma que:

A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela marca (ZUMTHOR, 2018, p. 32).

Para o autor, a performance traduz um sentimento que faz com que as pessoas tenham uma maior compreensão daquilo que está sendo dito, porque ela fala com a palavra, com os gestos e interage com um sentimento que existe no íntimo do receptor e acaba despertando um conhecimento e a situação de quem está como espectador. Quando lemos um livro ou um poema, empregamos apenas as nossas próprias interpretações e os significados que estão relacionados a um conhecimento mais consolidado. Quando assistimos a uma performance,

seja na literatura, na poesia, mas também em várias outras vertentes da cultura, como na música, dança ou teatro, existe uma gama de emoções que mexem com sentimentos que temos e que não aplicamos quando usamos o conhecimento. A expressão facial e corporal, o timbre e entonação de voz, entre outros gestos, além da própria ocupação do espaço físico fazem com que o receptor se remeta a conhecimentos que são seus, mas que não seriam estimulados em uma simples leitura do texto, na letra fria. Então, a performance do *slam* é mais que comunicação tradicional, é evocar, consciente e inconscientemente, a identidade em formação, característica de grupos socialmente vulnerabilizados, com a plateia. Oralidade e performance, na poesia, são duas artes, por assim dizer, que andam juntas; não por obrigação, mas por um completar e engrandecer o outro.

Nas batalhas de *slam*, em particular, não é permitido o uso de instrumentos musicais nem de sons produzidos oralmente. Ali percebemos claramente o papel da voz na construção de uma musicalidade na interpretação dos *slammers*, advinda prioritariamente das técnicas de versificação e das rimas criadas pelo poeta *slam*. Isso posto, temos no *slam* uma arte completa que encanta o público com sua sonoridade que prende a atenção com a performance e ganha respeito e estima com as provocações de suas temáticas escritas e declamadas.

Na poesia de Jessica Preta, *slammer* pernambucana, que hoje reside em Campina Grande, na Paraíba, percebemos a sonoridade dos versos, mesmo que eles não sigam uma métrica. Essa sonoridade é reproduzida perfeitamente durante a declamação, na qual a poeta se utiliza da performance e da oralidade para dar a entonação precisa para o sentido da poesia.

## Estatística

(Jessica Preta)

De 10 mulheres que conheço,

9 já foram abusadas.

A décima não se lembra, ou não percebeu que foi violada.

É que a cultura do estupro está muito enraizada,

aí a gente confunde malicioso aperto com abraço camarada.

Toques sutis na minha perna

No meu peito

Na minha saia

Tudo parece normal para quem está acostumada.

Me embriagam



Juram amor  
 Ou sou ameaçada  
 Com faca ou Instagram tô sendo sempre atacada.  
 Meu pé na rua e começa a caçada.  
 Homem nunca vai entender o que é andar atordoada.  
 Meu pé na rua e começa a caçada.  
 Já diziam os mais velhos: homem é caçador e a mulher é a caça.  
 Se aproveitam de tudo, inclusive psicologicamente.  
 Passam a mão sem aval porque você é irreverente.  
 Você é muito sensual  
 Não pude me conter  
 Se não quisesse meu olhar  
 Botava pano para esconder  
 Argumentos fáceis e ao mesmo tempo mentirosos.  
 Quero saber como uma criança encanta sexualmente os teus olhos  
 Teu pé dentro de casa e começa a caçada.  
 O que era proteção na verdade é ameaça.  
 Meu pé dentro de casa e começa a caçada.  
 No olhar do caçador a sobrinha é a caça.  
 De 10 mulheres que conheço,  
 10 já foram abusadas.  
 Porque a uma que faltava  
 Acabou de ser avisada!

## **2.2 Literaturas não-canônicas**

Ao trazermos para a sala de aula, poetas como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes ou Augusto dos Anjos, autores e obras pertencentes ao cânone brasileiro, de certo modo - a formalidade imposta pela importância do autor e da obra e que não são pertencentes a uma realidade diária – assusta e afasta os jovens e adultos desse gênero literário. Para efeito do nosso trabalho, se faz necessário questionar alguns parâmetros a respeito do tema. Referenciando Leyla Perrone-Moyses (1998, p.174), perguntamos: “as escolhas dos escritores-críticos modernos continuam valendo hoje?”.

De fato, esta é uma pergunta difícil de responder, mas necessária. A qualidade de uma obra literária é muito subjetiva, uma vez que o que é boa literatura para alguns pode não ser boa literatura para outros. A quem a lista de nomes canonizados atinge? A que tipo de classe social ela representa? É importante frisar que entre os dez primeiros nomes da lista de cânones da literatura no Brasil, apenas um autor é negro e duas mulheres apenas estão representadas. Dessa forma, será mesmo que o Brasil só consome literatura masculina e branca? Marcia Abreu (2006) escreveu na introdução do seu livro *Cultura Letrada* que:

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal (ABREU, 2006, p. 19).

Não podemos continuar formando opiniões engessadas dessa forma. No livro citado acima, Marcia Abreu apresenta listas com nomes de autores e obras, organizadas por várias vertentes da imprensa que buscavam eleger os melhores nomes da literatura no Brasil. Quando se fala em obras e autores literários brasileiros, os mais citados foram com certeza os que já têm seus nomes cotados na lista de cânones. Enquanto a lista de livros mais vendidos (literatura de massa?) não teve um nome sequer que coincidissem com tal lista. Não queremos dizer com isto que o cânone está perdendo terreno para as literaturas não canônicas, mas que...

O povo e a massa são identitários. A despeito do que possa parecer à primeira vista, tanto povo quanto massa pressupõem unidades centrípetas e estão na mesma chave “ontológica” com a qual pensamos a cultura erudita em geral e a literatura em particular (JUSTINO, 2014, p. 150).

Então, além da crítica literária, com toda uma carga de inteligência e responsabilidade em definir/eleger tais autores e obras como forma padrão do que é literatura, o povo e a massa consomem as obras em que eles se veem e as quais se identificam, de acordo com o meio em que estão inseridos. Ainda,

Pensar o fim da massa e do povo a partir da “potência ontológica da multidão” não é negar a existência de produtos culturais que por razões ideológicas foram definidos como tais, popular e massivo, é abri-los a uma outra estratégia de leitura (Cf. DENNING, 2005 *apud* JUSTINO, 2014, p. 150).

Dessa forma, popular, massiva ou erudita, cada obra existe e coexiste e tem que ser tratada de forma justa e igualitária. Cada obra tem suas características específicas e precisa também ter suas especificidades analisadas com cautela para ser, enfim, compreendida. É preciso deixar qualquer classe social à altura da literatura, garantir o acesso a todo tipo de

poesia, inclusive às obras canônicas, como forma de perceber, estimular a compreensão e garantir essa troca de saberes. Isso pode influenciar nas produções e nas próprias relações de resistência e poder das classes subalternas.

Nas batalhas de *Poetry Slam* - gênero que viemos aqui apresentar como uma proposta para a sala de aula - no Brasil, podemos perceber um grande protagonismo feminino. São, frequentemente, construídas por mulheres jovens e negras da periferia. Nesses eventos, suas vozes, geralmente silenciadas e invisibilizadas, são ouvidas e exaltadas. Neste, a presença das mulheres costuma se mostrar com mais força do que em outros movimentos artísticos urbanos, tais como o Hip Hop ou o Grafite. Atualmente, a maioria dos estados brasileiros possui organismos estaduais de mulheres *slammers*, organizadas principalmente no Slam das Minas.

Sua atuação, além do papel artístico e cultural, reforça as pautas de ocupação dos espaços públicos, a reivindicação de lugares e o respeito à diversidade. Nestes espaços, há fluidez de pensamentos e produção autônoma de literatura popular que não pode e nem deve ser desconsiderada, tampouco a capacidade crítica e de releituras dos cânones que podem surgir nesse contexto. Pensamos, assim, que não excluindo o uso de nomes e obras listados como cânone da sala de aula, mas unindo-os a obras que permeiam os ambientes comuns da comunidade escolar, seja um caminho para oferecer mais criticidade e autonomia a nossos educandos.

### 3 SLAM E POESIA CONTEMPORÂNEA

#### 3.1 Considerações sobre o Movimento *Slam*

Iniciado após a primeira metade do século XX, o pós-modernismo é um movimento de natureza artística e sociológica que, em alguns casos, se opõe ao modernismo. Na literatura, tem como características principais o destaque ao exercício da metalinguagem, tendência à utilização deliberada da intertextualidade e ecletismo estilístico, entre outros. Aqui no Brasil, temos como exemplos de autores expoentes dessa fase literária: Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo, João Cabral de Melo Neto e Adélia Prado, dentre outros.

Este movimento compreende uma fase importantíssima da literatura brasileira, desde sua fase histórica, perpassando pela segunda guerra mundial, ditadura militar e toda transformação tecnológica que avançava rapidamente pelo país, o que influenciou muito as produções na prosa e na poesia. Na poesia pós-moderna, superpõem-se alguns traços principais em sua formação, como o alto grau de confessionalismo, subjetivismo, personalismo, a imagística profunda com base em componentes objetivos da experiência mesclados a uma dose de surrealismo e os *leitmotives*<sup>2</sup> de caráter pessoal, social e antiformal, em oposição ao Modernismo (PERRONE-MOYSÉS, 1998). Nas poesias produzidas nessa fase, encontramos total liberdade na forma, surgindo, então, o concretismo, ao utilizar formas para fazer poesia, mas também poemas com temas ligados à situação política e social do país. De acordo com partidários desse viés literário, esse período se estende até os dias de hoje.

Uma grande discussão permeia os meios acadêmicos: o que é poesia válida e o que não é poesia válida para a crítica literária? A formação acadêmica e a vinculação universitária são muito preponderantes nesse discurso quando se pensa em poesia, como grande parte dos poetas, bem como dos críticos que estão dentro da academia ou vinculados a ela. Esse discurso acaba pesando mais para o academicismo, dispensando, grosso modo, o que está sendo produzido fora do ambiente acadêmico e gerando um enfraquecimento da crítica à poesia.

A poesia brasileira teria empobrecido depois do fim das vanguardas, se isolando em guetos e, em seguida, se perdido no universo sem referência do pós-utópico. A mercantilização dos espaços de discussão, a midiaticização da subjetividade, o espírito de autoelogio, a falta de projeto cultural conviveriam com uma paradoxal vitalidade quantitativa. Embora “proficua”, a literatura de nossos dias permanece “a deriva”,

<sup>2</sup> Do Alemão, aqui compreendido como uma ideia, fórmula que reaparece de modo constante em obra literária, com valor simbólico e para expressar uma preocupação dominante.

como resume Fábio de Souza Andrade (2005) (ANDRADE, 2005 apud SISCAR, 2010, p. 01).

Assim, fica pressuposto que essa é a principal identidade dos poetas críticos e, desse modo, é compreensível que o *slam*, por exemplo, como linguagem periférica, cause estranhamento. Além de questionar a função mediadora do crítico literário, simbolizada por uma inferioridade ou mesmo uma dispensabilidade perante as obras, reforce a necessidade de redirecionar o sentido da intervenção cultural para o interior da poesia e não para o interior da crítica. Entretanto, no discurso universitário também existem opiniões diferentes. Enquanto Heloisa Buarque de Holanda diz que não obteve sucesso em organizar uma nova antologia poética devido a pouca qualidade nas produções, Célia Pedrosa e Maria Lúcia de Barros pertencem a uma corrente que defende que existe uma forte renovação no campo da poesia (SISCAR 2010). Nas últimas décadas, muitos gêneros que eram marginalizados passaram ou estão passando a fazer parte das grades curriculares dos cursos de graduação bem como de linhas de pesquisa da pós, a exemplo da literatura infantil e da literatura popular.

Se olharmos um pouco mais à margem, encontraremos confirmação disso. O Prêmio Jabuti<sup>3</sup>, por exemplo, mais tradicional prêmio literário do Brasil, ano após ano revela talentos na poesia. Revistas<sup>4</sup> e publicações especializadas também seguem destacando novos talentos, que continuam produzindo obras consideradas de qualidade, mesmo longe do foco das grandes editoras ou do reconhecimento dito oficial por seus pares. Apesar da insistência da crítica literária em afirmar que esse movimento artístico está em crise, podemos encontrar a poesia viva em inúmeros ambientes, na vida dos menos abastados, nas comunidades, nas ruas, nas batalhas de *Slam* e de *Rap*, assim como nas cantorias e cordéis do interior do Brasil.

O *Slam*, objeto de estudo do nosso trabalho, com essa nomenclatura e estética, surgiu na década de 1980, em Chicago nos Estados Unidos (D'ALVA, 2011; ARTUR, 2017). Os relatos apontam que a primeira manifestação do gênero foi iniciada por um trabalhador da construção civil, poeta e branco, que junto com outros artistas deu início às batalhas de poesia, com intenção de deixar o gênero mais popular e contrário aos grupos de poetas do cânone, considerados julgadores e excludentes. Entre combate de poesia falada e ambiente de expressão poética o *slam* vai construindo sua conceituação. Segundo Roberta Estrela D'Alva (2019), pioneira do gênero no Brasil, em seu artigo intitulado “Um microfone na mão e uma

---

<sup>3</sup> Concedido pela Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Jabuti foi criado em 1959. Idealizado por Edgard Cavalheiro quando presidia a CBL, com o interesse de premiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacassem a cada ano

<sup>4</sup> Tomemos como exemplo a seguinte matéria “12 Poetas Contemporâneas que Você Precisa Conhecer”. Disponível em: <http://nodeoito.com/poetas-contemporaneas/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena”, é preciso analisar múltiplos aspectos para conceituar o que seria esse gênero.

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, ainda é difícil defini-lo de maneira tão precisa, pois, em seus 25 anos de existência, o poetry slam se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo (D’ALVA, 2011).

As batalhas de *slam* são um movimento literário pouco conhecido no meio acadêmico, mas bastante utilizado entre os jovens da periferia nos grandes centros urbanos. Têm um teor de demanda por direitos e temas da atualidade em um formato de entretenimento e interação entre jovens de diferentes faixas etárias. Em sua maioria, trata de temas relacionados aos costumes como feminismo e machismo, e da luta a favor das minorias sociais. Os temas tratados nas poesias criadas e declamadas pelos *slammers* surgem de acordo com a motivação pessoal, mas, principalmente, por motivações coletivas, como aquelas relacionadas à qualidade de vida de uma comunidade, questões ligadas à religião e etnia, além de temas mais subjetivos, como o amor, a solidão e saudade, por exemplo.

O que encontramos no *slam* é uma diversidade de temas que permite ao poeta uma ampla abertura, tanto no que diz respeito às temáticas quanto sobre a forma, o que aponta para um senso de coletividade e de características próprias de cada comunidade. A exposição das temáticas de cunho mais social traz grande carga de conteúdo político, resultando em uma complexidade e em possibilidades de sentimentos antagônicos ao protagonista, o que pode, de algum modo, tornar mais difícil prender a atenção do público ouvinte. É nesse momento que a expressão facial do/da poeta e toda uma performance corporal entram em cena, atraindo a atenção a esses aspectos e aproximando o ouvinte da temática exposta no poema.

### **3.2 Poesia subalterna em sala de aula**

Para o ensino da literatura, é fundamental trazer a poesia para dentro da sala de aula. Nesse sentido, buscamos entender a importância dessa prática para a vida escolar e extraclasse do aluno do ensino médio, por intermédio de uma poesia que esteja mais perto da sua realidade, fazendo com que o discente se identifique com as temáticas do gênero. A poesia em sala de aula tem sido alvo de estudos, por se tratar de um gênero pouco utilizado em salas de aula. Em suas pesquisas, o professor Helder Pinheiro destaca alguns motivos para este pouco uso do gênero:

Outra questão sempre aparece quando conversamos com professores de diferentes séries do ensino fundamental, incluindo aí os que tiveram formação em Letras: trata-se das dificuldades que apontam no trabalho com o poema e que contribuem para o afastamento da poesia. Dentre elas destacamos: “como interpretá-la”, “como entendê-la”, “como compreender algumas passagens”, “dificuldade de analisá-la”, “de captar a mensagem”, “falta de intimidade”, “como interpretar algumas frases de sentido figurado”, “não saber ler em voz alta”. Por certo, essas dificuldades podem ser superadas, sobretudo se o profissional se dispuser a ler um pouco mais de poesia (PINHEIRO, 2018, p. 12).

Suas pesquisas apontam que as abordagens da poesia se apoiam apenas na forma estrutural e teórica do gênero, afastando do aluno a possibilidade da interpretação lúdica do texto e do modo como esse poema possa dialogar com o leitor. O professor é o elemento definidor para a mudança dessa abordagem: conhecer a turma e a realidade a qual a escola de atuação está inserida dará o suporte para o docente encontrar os poemas adequados para o uso em determinada turma.

É evidente que vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula. Mas não é qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos para a escolha das obras ou para a organização de antologias. Não podemos cair no didatismo e no moralismo que sobrepõem valores preestabelecidos à qualidade estética (PINHEIRO, 2018, p. 15).

É preciso se propor a ler mais, a fim de trazer para este professor a segurança em abordar qualquer tema pertinente à série de atuação, fazendo com que ele tenha intimidade suficiente com o poema para interpretá-lo diante de seus alunos, facilitando também a compreensão da turma diante do tema escolhido.

A poesia deve ser trabalhada em sala de aula como ferramenta essencial para fazer o educando pensar sobre si mesmo e sobre a sociedade como um todo, a poesia leva o leitor a uma reflexão existencial, e desse modo, pensamos no *slam* como um gênero apropriado para a inserção da poesia na sala de aula. De acordo com Lidianie Viana:

Sob essa ótica, o *poetry slam*, enquanto gênero poético, pode promover espaços discursivos dentro da escola, dando voz aos estudantes, cujos atos responsivos materializam-se no processo de criação e apreciação estética dos enunciados escritos por eles e por seus pares como uma forma de desfrutarem do que este gênero discursivo proporciona, ao mesmo tempo em que promovem seus próprios discursos (VIANA, 2018, p. 76).

O *slam* pode ser trabalhado em sala de aula como qualquer outro gênero textual ou literário, partindo de seus elementos estruturais e textuais para trabalhar a escrita, reescrita e a oralidade, levando em consideração a performance – importante característica do *slam* – e chegando até uma abordagem ligada as temáticas, aumentando assim a capacidade crítica dos

educandos acerca da realidade política e social em que estão inseridos. Viana destaca que por ser uma poesia viva e um gênero em plena circulação, o *slam* se caracteriza como possibilidade de uma leitura e escrita diferenciadas e que “abre espaço dentro do ambiente escolar para o desenvolvimento de uma escrita autoral, responsiva e que insere o jovem em novos espaços discursivos dentro da escola” (VIANA, 2018, p. 86).

Para além desta abordagem, é possível que o *slam* desperte no aluno a consciência de como o aprendizado escolar pode ser levado para o cotidiano e para a vida. Torna-se válido, também, fazer o trabalho inverso, em que o aluno possa trazer para o ambiente escolar, experiências adquiridas fora da escola, transformando estas experiências em poesias.



## 4 UMA LEITURA DO SLAM NA SALA DE AULA

### 4.1 Metodologias

Com o objetivo de apresentar a eficiência do *slam* como ferramenta de estímulo ao ensino da poesia em salas de aula de Educação de Jovens e Adultos (EJA), intentamos apresentar a professores o *Slam* como um movimento literário, adequado ao ensino de literatura no ensino médio, fazendo com que esses docentes possam levar a poesia para a sala de aula com maior frequência, visando buscar uma forma de poesia mais próxima da realidade do aluno e do meio em que ele está inserido.

Pretendemos, assim, verificar se o *slam*, como gênero importado de fora do ambiente escolar, é capaz de gerar identificação como gênero em sala de aula. Trazer uma poesia que dialogue com as demandas por direitos, que são em sua maioria, os temas desenvolvidos nas batalhas de *slam*, para que, assim, não só pelo deleite, mas também pela identidade, a poesia possa incentivar a escrita e a oralidade dos jovens, além de aguçar e ampliar a sua capacidade crítica em torno dos problemas da sua escola, bairro e do país em geral.

Dessa forma, buscaremos mapear as expressões temáticas do *slam*, relacionando com as especificidades do gênero poesia tradicionalmente propostas nos currículos escolares, de acordo com a região em que este gênero está sendo consumido. Mesmo o *slam* sendo um movimento de poesia de protesto, também encontramos poesias românticas que falam de amor, de amizade e de vários outros temas comuns a quaisquer poemas e que ainda assim instigam os jovens a participar. Para obter estes resultados, a melhor metodologia, a nosso ver, seria a realização de uma pesquisa ação, qualitativa e descritiva, com aplicação de um questionário ao professor titular da turma, com o intuito de saber se este professor utiliza a poesia em sala de aula e qual metodologia para esta prática, e se não utiliza, qual o motivo.

Uma entrevista com a turma, utilizando questionário que contemple o conhecimento e o gosto deles pela poesia, indagando quais os temas que mais chamam a sua atenção, o que complementaria as perguntas que nos ajudariam a encontrar a resposta para nossas questões. Essa metodologia, entretanto, se mostrou inviável diante da realidade imposta pela pandemia da Covid-19, em curso neste ano de 2020.

Sendo assim, este trabalho focará no desenvolvimento de uma sequência didática de acordo com o modelo de Genebra de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), que utiliza vários gêneros, literários e textuais, para incentivar a escrita, e a partir do conhecimento prévio dos alunos, trabalhar a reescrita até a produção final. Esta sequência propõe a durabilidade de

cinco encontros, com duas aulas de 40 minutos cada uma, tendo o *slam* como gênero a ser estudado em todos os seus aspectos: estruturais, textuais e temáticos. Em um cenário ideal, ao término da sequência didática, aplicaríamos outro questionário aos alunos, com perguntas sobre o que mudou no conhecimento e gosto, após a intervenção com a SD, fazendo assim uma comparação com as respostas ao primeiro questionário para gerar conclusões possíveis.

Diante da realidade de termos uma pesquisa de cunho teórico, voltamos aos estudos de caso e publicações acadêmicas sobre o tema para validar nosso argumento. Defendemos que, por se tratar de um estilo de poesia contemporâneo, de livre expressão, o *slam* chama a atenção para a participação ativa dos jovens em sua construção, e pelo fato de se criar essa poesia em detrimento de um conjunto. Em sua pesquisa Estrela D'alva confirma este ponto de vista:

(...) o momento presente em que o encontro se dá, não é passível de reprodução, e muito embora existam registros dos campeonatos e até mesmo de livros de antologias com os poemas que são recitados, nada substitui a presença física, o encontro, o diálogo entre as diferenças, ponto central desse tipo de manifestação (D'ALVA, 2011, p.121).

Trazer poemas com essas características para sala de aula adquire forte significado, sobretudo, frente à conjuntura política dos últimos anos — em que se busca um retorno a comportamentos e pensamentos conservadores e se fomenta grandes debates em torno de questões comportamentais — para que os jovens da periferia, incluídos em grupos de minorias, tenham a oportunidade da fala e da escuta. Ainda segundo D'alva (2019, p.271), “a cada edição, esses eventos vêm recebendo um público maior, em movimento de aproximação à poesia, gênero literário por vezes considerado hermético, entediante e incapaz de gerar interesse – principalmente no público jovem”.

## **4.2 Proposta de aplicação em sala de aula**

Neste tópico, apresentaremos uma proposta de sequência didática que a nosso ver pode se mostrar adequada a verificar se o gênero sugerido pode estimular a leitura e consumo de poesia em sala de aula. Baseamo-nos nas orientações de Cosson, Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), que explicam que uma boa sequência didática deve, além de obedecer aos critérios de motivação, introdução, leitura e interpretação, fazer uso de diferentes gêneros textuais e literários, partindo assim para um processo de escrita e reescrita.

Segue a proposta de Sequência Didática para intervenção em sala de aula, possuindo a finalidade de apresentar as Batalhas de poesia – Slam – como ferramenta para inserir a poesia em salas de aula do Ensino para Jovens e Adultos (EJA).

## **1. IDENTIFICAÇÃO DA TURMA**

Turma: V ciclo

Duração do Trabalho: 04 encontros com 2 aulas de 40 minutos cada uma.

## **2. TEMÁTICA:**

Futuro: o que eu espero para a sociedade?

## **3. SUBTEMÁTICAS:**

- Quem somos?
- O que a sociedade espera de nós?

## **4. OBJETIVO GERAL:**

Instigar a leitura e a criticidade, assim como a interpretação de textos, por intermédio do gênero Poetry Slam, utilizando poesias que auxiliem os alunos a se colocarem diante da sociedade como seres autônomos.

## **5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Compreender as batalhas de slam como ferramenta de introdução à poesia em sala de aula;
- Conhecer o uso variado da língua de acordo com a região onde a batalha de slam acontece;
- Apreciar a poesia em vários contextos: popular, marginal, slam;
- Desenvolver e ampliar as competências referentes à leitura e à compreensão por intermédio do slam, focando na oralidade na performance;
- Trabalhar as temáticas dos poemas, estabelecendo relações entre o lido e o conhecimento de mundo dos discentes.

**ENCONTRO I: QUEM SOMOS?****Elemento motivador:** Espelho, Espelho meu!**Gêneros textuais / literários:** poema**Recursos didáticos necessários:** módulo, quadro branco, lápis para quadro branco.

Descrição das ações:

1º momento – Elemento motivador: Levaremos para a sala de aula uma caixa em forma de cabine com um espelho fixado na parte interna. Pediremos para cada aluno ir até a cabine e falar algo sobre a pessoa que ele irá encontrar lá. O professor que estará mediando a dinâmica, explicando que pode ser qualquer coisa, por exemplo: idade, onde trabalha, se é casado ou solteiro, se tem filhos, se mora sozinho, se mora com os pais, qual a sua profissão e assim por diante. Após a resposta, o aluno será direcionado de volta a seu assento.

Objetivo: Incentivar, por intermédio de uma dinâmica, que os alunos falem sobre si e sobre sua rotina atual, facilitando também para o professor conhecer um pouco do aluno e levando, assim, a turma ao debate da temática que traremos na SD.

2º momento - Em seguida, faremos a leitura individual do poema de Inaiana C. Gama, psicóloga e *slammer*, “Feita de rebeldia”, cedido diretamente pela autora, via aplicativo whatsapp, em que o eu lírico reflete sobre si. Logo após, incitaremos uma conversa sobre o tema do poema e sobre como o eu lírico se apresenta, fazendo também uma ponte com as respostas dadas no momento do elemento motivador.

3º momento - Após o debate, explanaremos as características do gênero poema, tais como a estrutura em versos e estrofes, o uso de rimas e o uso de pontuação gráfica para valorizar o sentido de algumas palavras. Por fim, analisaremos o poema, para discutir desde o seu teor temático até sua forma estrutural, que pode ser com rimas ou com versos brancos e linguagem e expressões, o que caracteriza o slam. Neste momento, faremos uma aula expositiva, explicando que o slam surgiu nos Estados Unidos, trazido para o Brasil por intermédio de Roberta Estrela D’Alva, e que chegando aqui recebeu características próprias das regiões em que é mais difundido. Apresentaremos que é considerado um gênero literário que ocupa os espaços públicos para batalhas de poesias, envolvendo temáticas variadas e se sobrepondo sempre as de demandas sociais. Ao final da aula, pediremos que, como exercício, os alunos coloquem no papel tudo que eles falaram sobre a “pessoa da caixa”, no elemento motivador, criando pelo menos quatro versos com rimas.

## **ENCONTRO II: QUEM SOMOS?**

**Gêneros textuais / literários:** poema

**Recursos didáticos necessários:** módulo, quadro branco, lápis para quadro branco, televisão, pen drive.

Descrição das ações:

1º momento - Iniciaremos a aula com a leitura silenciosa do poema “O último salva todos”, do slammer Beká, apresentado na final do Slam da Guilhermina, em São Paulo. Neste poema, o autor escreve em torno da coletividade social e oportunidades de vida. Em seguida, sugeriremos que alguém se voluntarie para a leitura em voz alta (quantas pessoas quiserem). Logo depois, falaremos do sentido do poema de acordo com a entonação, com o modo como o leitor empasta a voz na hora de declamar o poema. Apontaremos como essa atitude muda o sentido e o sentimento do empregado no poema.

2º momento - Em seguida, discutiremos sobre a importância da oralidade para a literatura e todo o seu funcionamento, utilizando material disponível no módulo do aluno. Para explicar melhor o tema, apresentaremos o vídeo do cantador de viola Ivanildo Vilanova, de nome “Nordeste Independente”, em que os autores dissertam sobre o fato de o Nordeste ser separado do restante do Brasil, exaltando todas as características da região. Apresentaremos, também, a declamação do poema “Sim, sou mesmo, tal qual resultei de tudo”, de Álvaro de campos, heterônimo de Fernando Pessoa, em que o eu lírico versa sobre a formação do seu “eu” e o vídeo da apresentação de Beká na final do Slam da Guilhermina, buscando sempre ouvir a opinião dos alunos sobre a diferença da poesia “lida” e da poesia recitada. Para encerrar a discussão, solicitaremos que cada aluno leia em voz alta os versos (ou só as palavras) que escreveu sobre a dinâmica feita em sala, no primeiro dia de aula, com a finalidade de percepção da capacidade oral de cada um.

## **ENCONTRO III: O QUE A SOCIEDADE ESPERA DE NÓS?**

**Gêneros textuais / literários:** poema

**Recursos didáticos necessários:** módulo, quadro branco, lápis para quadro branco, televisão, pendrive, dicionário.

Descrição das ações:

1 ° momento - Pediremos que cada aluno apresente o texto que produziu a partir do elemento motivador. De acordo com o que foi escrito, buscaremos encontrar rimas, no dicionário, para as palavras dispostas pelos educandos, enriquecendo dessa forma o vocabulário dos alunos e incentivando que conheçam outras palavras. Incentivaremos a escrita de frases com palavras que rimem com as que eles já tinham escrito, sugerindo que venham até o quadro branco para escrever as palavras. Logo após, faremos leitura coletiva dessas frases direcionando que sejam lidas em voz alta e que eles convençam uns aos outros da veracidade e força daquela frase. Após esse momento, traremos a poesia “Janela de Ônibus”, de Miró da Muribeca, poeta da cidade de Recife, em que o autor escreve sobre os pensamentos de um eu lírico olhando através da janela de um ônibus e se indagando sobre a situação social e política das pessoas que dali ele vê. A professora, junto com os educandos, fará leitura em voz alta, buscando colocar mais identidade nos versos. Em seguida, traremos o vídeo de Miró da Muribeca recitando “Janela de ônibus”, hospedado no site Youtube. Debateremos sobre o que difere uma simples leitura de uma declamação, anotando no quadro branco as respostas dadas pela turma.

2° momento - Neste momento, iniciaremos, junto com o vídeo, uma aula expositiva em torno da definição da palavra “Performance” no campo das artes e de como esse modo de ver e ser a poesia traz identidade e força para as palavras. Ainda nesta aula, mostraremos um trecho da apresentação da quadrilha Junina Mistura Gostosa, do ano 2018, situado no site Youtube, além de um trecho da peça “A feira” de Lourdes Ramalho, também situada no youtube, para firmar a importância da performance em todos os setores da arte, encerrando com uma comparação entre o declamador do slam, o dançarino de quadrilha e o ator de teatro, a fim de confirmar a eficácia da performance em dar uma identidade à obra.

#### **ENCONTRO IV: O QUE A SOCIEDADE ESPERA DE NÓS?**

**Gêneros textuais / literários:** poema

**Recursos didáticos necessários:** módulo, quadro branco, lápis para quadro branco, microfone, caixa amplificadora.

Último momento - Construiremos um texto com as partes que cada um escreveu sobre si na primeira aula, completando as rimas, com a finalidade de produzir um poema só. Em seguida, com o poema pronto, faremos uma leitura dinâmica, cada um lendo uma parte e colocando a entonação e a performance necessária. Solicitaremos que esse poema seja lido no pátio da

escola, no horário do intervalo das aulas, abrindo espaço para outros possíveis poetas recitarem suas poesias, lançando assim, a batalha de slam da escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia permeia a vida de jovens e de adultos em todas as classes sociais. A maioria das vezes, esse contato com a poesia se dá por intermédio de professores, no ambiente escolar, desde os anos iniciais. Professores esses que, pelos mais diversos motivos, e em boa parte dos casos, estão condicionados aos limites do livro didático, com seus textos presos aos cânones, a uma escrita rebuscada e distante da realidade social dos educandos. Esse cenário, possivelmente, é um dos principais fatores que contribuem para o aluno desenvolver uma resistência aos textos literários, impedindo assim que ele tenha chance de conhecer outras vertentes do gênero.

Pensamos o *Poetry Slam* como uma ferramenta para introduzir a poesia na sala de aula, porque os *slammers* se utilizam de um discurso que aproxima o receptor do emissor. Nas batalhas de *slam*, os jovens falam de qualquer assunto e são ouvidos. Aqueles que participam das batalhas utilizam espaços públicos, nos quais qualquer pessoa tem acesso sem ônus, em um ambiente em que se sentem seguros e inseridos. As poesias declamadas nesses encontros tratam de temáticas conhecidas da sociedade, uma vez que o ouvinte consegue se reconhecer na poesia, na linguagem, no olhar e nos movimentos do corpo do *slammer*. Essas observações são confirmadas pelos textos de Estrela D’Alva (2011; 2019), que pensa e vivencia esse gênero de poesia.

Baseadas nessas leituras e nas reflexões provocadas por elas, nossa primeira percepção, ao observar as batalhas organizadas e disponibilizadas nas redes sociais — que pela dinâmica das condições objetivas não pudemos acrescentar neste trabalho —, está na possibilidade de apresentação do *slam* e de todas as suas características formais como uma forma de ajudar os professores a oferecer de maneira mais atrativa a poesia em suas mais diversas formas, inclusive as canônicas, inserindo na turma a prática do consumo e produção de poesia por deleite e não só por obrigatoriedade.

Trazer o *slam*, seus temas e suas técnicas de declamação é, de certa maneira, apresentar para a sala de aula a potência da voz e do lugar de fala do ser na sociedade. As temáticas utilizadas nas produções de poesia para as batalhas podem, ainda, trazer opções de interdisciplinaridade com as turmas de história, sociologia, filosofia, artes e educação física, auxiliando principalmente em temas contemporâneos. Ministrar aulas seguindo uma sequência didática, como a que sugerimos em nossa pesquisa, baseada na metodologia de Cosson (2006) e Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), que dá a vez e a voz para cada aluno, de qualquer classe social ou sexo, é fazê-lo se sentir digno de ser ouvido, é fazê-lo acreditar que



pode se modificar e modificar o mundo ao seu redor com palavras, com a sua voz e com seu corpo.

Logo, intentamos contribuir com esse tema, oferecendo aos professores, em especial àqueles que assumiram o desafio de atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), alternativas para abordar uma área da literatura que ao longo do tempo foi adquirindo feições burocráticas e distante do cotidiano das salas de aula. Buscamos, ainda, dialogar com as produções acadêmicas sobre oralidade, performance e uso da poesia urbana na sala de aula. Além disso, deixamos opções a serem exploradas, a exemplo da aplicação da sequência didática, para validar as hipóteses que levantamos e defendemos como possíveis, no campo teórico. Acreditamos, por fim, que contribuímos, dentro das nossas condições, para a criação de debates mais inovadores, inclusivos e socialmente relevantes dentro das salas de aula. A nosso ver, é também esse o papel do professor.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ARTUR, Margaret. **“Slam” é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos**. 2017.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- D’ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena**. Synergies brasil n. 9 – 2011 pp. 119-126.
- D’ALVA, Roberta Estrela. **Slam: voz de levante**. Rebento, São Paulo, n10, p. 268-286, julho 2019.
- DENNING, Michael. **O fim da cultura de massa**. In: DENNING, Michael. A cultura na era dos três mundos. São Paulo: Francis. 2005
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- JUSTINO, Luciano. **A potência oralizante da multidão: por que os estudos culturais ajudam a compreender a experiência dos muitos na literatura contemporânea**. Estud. Lit. Bras. Contemp. no.44 Brasília. Oct./Dec.2014. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182014000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182014000200008). Acesso em: 27 nov. 2020.
- PERRONE-MOYSES, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PINHEIRO, Maria do Socorro. **Patativa do Assaré: o poeta do sertão e o sertão do poeta**. In: Carlos Gildemar Pontes. (Org.). A literatura e seus tentáculos; saberes e dizeres sobre a arte literária e sua essência. Fortaleza: Bagagem, 2011, v. 1, p. 9-192. 2006.
- PINHEIRO, Helder. **Poesia em sala de aula**. 3ªed. São Paulo: Parábola, 2018.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- SISCAR, Marcos. **As desilusões da crítica de poesia**. Teresa, (10-11), pp. 111-222. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116853>. Acesso em 27 nov. 2020.

SOUZA ANDRADE, Fabio de. “Crítica literária: que bicho é este?” Folha de São Paulo. 2005.

VIANA, Lidiane. **Poetry slam na escola: embate de vozes entre tradição e resistência.** Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Letras. UNESP. Assis. 2018. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Ubu Editora. 2018.

## ANEXOS

### Poemas utilizados na Sequência Didática

#### 1. Janela de ônibus (Miró da Muribeca)

Janela de ônibus é danada pra botar a gente pra pensar,  
 Ainda mais quando a viagem é longa.  
 Uma casinha branca, lá no alto da montanha,  
 E eu perguntando:  
 Quem mora lá?  
 Quem mora lá?  
 Um home na BR olhando pro nada,  
 uma mulher com um saco de capim na cabeça  
 E o sol estralando nas suas costas  
 E os políticos dando as costas.  
 Janela de ônibus  
 Janela de ônibus é danada pra botar a gente pra pensar.  
 Igrejinhas minúsculas na beira da BR  
 Janela de ônibus é danada pra botar a gente pra pensar,  
 Ainda mais quando a viagem é longa.

#### 2. Sou eu (Álvaro de Campos)

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,  
 Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,  
 Espécie de acessório ou sobresselente próprio,  
 Arredores irregulares da minha emoção sincera,  
 Sou eu aqui em mim, sou eu.  
 Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.  
 Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.  
 Quanto amei ou deixei de amar é a mesma saudade em mim.

E ao mesmo tempo, a impressão, um pouco inconsequente,  
 Como de um sonho formado sobre realidades mistas,  
 De me ter deixado, a mim, num banco de carro eléctrico,  
 Para ser encontrado pelo acaso de quem se lhe ir sentar em cima.  
 E, ao mesmo tempo, a impressão, um pouco longínqua,  
 Como de um sonho que se quer lembrar na penumbra a que se acorda,  
 De haver melhor em mim do que eu.  
 Sim, ao mesmo tempo, a impressão, um pouco dolorosa,  
 Como de um acordar sem sonhos para um dia de muitos credores,  
 De haver falhado tudo como tropeçar no capacho,  
 De haver embrulhado tudo como a mala sem as escovas,  
 De haver substituído qualquer coisa a mim algures na vida.  
 Baste! É a impressão um tanto ou quanto metafísica,  
 Como o sol pela última vez sobre a janela da casa a abandonar,  
 De que mais vale ser criança que querer compreender o mundo —  
 A impressão de pão com manteiga e brinquedos,  
 De um grande sossego sem Jardins de Prosérpina,  
 De uma boa vontade para com a vida encostada de testa à janela,  
 Num ver chover com som lá fora  
 E não as lágrimas mortas de custar a engolir.  
 Baste, sim baste! Sou eu mesmo, o trocado,  
 O emissário sem carta nem credenciais,  
 O palhaço sem riso, o bobo com o grande fato de outro,  
 A quem tinem as campainhas da cabeça  
 Como chocalhos pequenos de uma servidão em cima.  
 Sou eu mesmo, a charada sincopada  
 Que ninguém da roda decifra nos serões de província.  
 Sou eu mesmo, que remédio!...

### **3. Feita de rebeldia (Inaiana Costa Gama)**

Eu sou vulcão prestes a entrar em erupção  
 Sou olho de furacão  
 O estralar da brasa

A lâmina mais afiada  
Que corta a carne viva  
Sou ferida doída  
Sou a veia que pulsa, lateja  
Perceba, no meu sangue corre rebeldia  
Pode me chamar vadia, me desejar a morte  
Que do meu lado anda a sorte e eu sei quem me protege  
Não vou te dar a outra face  
Eu estou pronta para o embate  
Daqui só saio de cabeça erguida  
Quem quase perdeu a vida  
Não se apavora com pouco  
E esse sufoco, esse nó na garganta  
Me lembra que eu sou humana, hoje estou em pedaços  
Mas vou juntar os meus cacos  
Sigo costurando retalhos  
E cada talho no peito  
Me faz lembrar que estou viva  
Cada ferida aberta  
Será devidamente lavada e quando cicatrizada  
Eu seguirei minha vida

#### **4. O último salva todos (Beká)**

Disse-me um dia meu irmão mais velho Diop é isso,  
irmão, é o que nós tem.  
Um ao outro, a mente e o corpo,  
então pega o que tem e faz o que pode.  
Me joguei! Saí de casa atrasado,  
mas disposto a não mais me atrasar.  
Cada mente é um universo,  
então li os versos e criei coisas lindas de se imaginar.  
Eu fui pelas ruas, encontrei saídas,  
busquei as curas para as minhas feridas.

Encontrei sorrisos, visões parecidas.  
Mesmos ideais, contra os relacionamentos físicos  
onde a sinceridade é enxergada zói no zói, mano,  
não na quantidade de likes em redes sociais.  
Eu quero é mais, pai.  
Saí da Leste, coleí no centro,  
encontrei ouro, riquezas, poetas vivos.  
Botei pra quebrar de ver  
que lá de onde eu moro tem uma pá de tesouro escondido.  
Favela é mina de ouro e nós é o garimpo,  
trampando na lama porque é daqui  
que o ouro precisa ser extraído.  
Valores sendo recuperados  
hoje nós somos os achados e meio achados e perdidos.  
Eu vejo o futuro repetir o passado  
só quando eu me sento na frente da tela,  
pois a esperança de mudança renova  
em cada semana que eu vou nos slans,  
histórias da quebra.  
Organizado por pessoas da quebra,  
que mesmo quebrado constrói soldados  
preparados para a guerra.  
Jovens, adolescentes, com postura de homem e mulher,  
o serviço do Estado, sem receber dinheiro nem para o café.  
Muito axé, sereia tá aí,  
que não me deixa mentir,  
é por amor tio! Pelas crianças, pelos pretinho,  
pelas pretinha, pelos nêgo véio, pelas tia da vila  
e principalmente pelos vapor que tão a todo vapor nas lojinha,  
de pé no chão, descalço, só com a cara e a coragem,  
a missão é buscar um por um até que essa guerra acabe.  
É o resgate do soldado Ryan? Não João.  
É o resgate do Alisson, do meu mano Jow e do meu primo Wagner.  
Realidade, irmão. A rua não é Hollywood,

inspiração pros irmão nunca foi Peter Pan,  
eles eram fã de Robin Hood.  
Miséria traz tristeza, em excesso gera revolta,  
cada um reage de uma maneira, cada mente trabalha de uma forma.  
Tem quem tentou a sorte no crime,  
tem quem procurou a saída nas drogas.  
Se espelha em quem tá mais perto não é João.  
Cês tão ligado! Então é nós mesmo que tem que tá do lado.  
Eu sempre digo que a poesia salva, pois por ela, eu fui salvo e  
hoje sou alvo de inspiração, mas com meus pés no chão,  
elogios e status não me ilude,  
porque eu sou bom com as palavras,  
a minha obrigação é ser duas vezes melhor com as minhas atitudes.  
Tamo aí, tentando fazer as coisas do jeito certo.  
Lutando diariamente contra o regresso,  
sempre buscando progresso aos nossos, mano.  
Essa é a meta, eu tô muito ocupado com a ideia que não me ocupe,  
que não agregue.  
O papo tá dado, tio, ouve quem quer.  
Uma coisa é certa, mano: nem todo mundo que tá no Slam, é.  
Nem todo mundo que é, tá.  
Mas boto fé que uma hora o jogo vira e é nós da rua que vai fazer virar, mano.  
Pode acreditar, tio, nós tá no jogo.  
A esperança á a última que morre,  
mas foi lá na infância onde eu aprendi que o último, salva todos!



### Apresentações e declamações – Links de acesso

DESCRIÇÃO	Link
Miró declama Janela de Ônibus	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=0X7gCgiud94">https://www.youtube.com/watch?v=0X7gCgiud94</a>
Vídeo Quadrilha Mistura Gostosa 2018	<a href="https://youtu.be/7uUJ5CyK2fA">https://youtu.be/7uUJ5CyK2fA</a>
Maria Bethânia declama Sou Eu, de Álvaro Campos	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=RAM8QPk6UpE">https://www.youtube.com/watch?v=RAM8QPk6UpE</a>
Beká declama O último salva todos, no Slam da Guilhermina	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=cj8Q9J8IDGA">https://www.youtube.com/watch?v=cj8Q9J8IDGA</a>
A feira, de Lourdes Ramalho	<a href="https://youtu.be/dR_KNbZ38pE">https://youtu.be/dR_KNbZ38pE</a>